



CONSCIENCIALIZAR, MUDAR e SERVIR!

Documento publicado em 17/07/2012

MANIFESTO - Linhas de ORIENTAÇÃO

Na base da criação deste movimento cívico, rigorosamente apartidário e distante de qualquer força política, existente no nosso espectro político dentro ou fora da Assembleia da República, está o sentimento de inconformismo e revolta de diversos Cidadãos, de distintas formações e vivências, representantes de diferentes gerações e sectores da sociedade civil.

Os nossos objectivos são:

CONSCIENCIALIZAR - INFORMAR e ESCLARECER os Cidadãos portugueses, utilizando todos os meios ao nosso alcance, das reais causas que levaram o Estado português à situação de "bancarrota".

ALTERAR a CONSTITUIÇÃO e LEIS ELEITORAIS - CONTRIBUIR para que a Constituição portuguesa e as leis eleitorais sejam alteradas de modo a permitir candidaturas suportadas pela sociedade civil às eleições legislativas, retirando a exclusividade de acesso aos partidos políticos.

IMPEDIR a ESCRAVATURA - IMPEDIR que partidos políticos e interesses económicos particulares transformem um Cidadão livre em cidadão escravo.

TRANSFORMAR o ESTADO PORTUGUÊS - DEVOLVER a dignidade, colocando o Estado ao serviço dos Cidadãos e não os cidadãos ao serviço do Estado.

Estes mesmos objectivos encontram-se enquadrados pela nossa **MISSÃO** que tem como vector primeiro ser centro de união de indivíduos, famílias e gerações, para consciencializar e mudar as condições políticas e sociais em Portugal, elevar a moralidade da sociedade portuguesa e do Estado que a representa.

Suportado na procura declarada da verdade, colocaremos toda a nossa alma contra a atitude dos partidos políticos que, a coberto de interesses económicos particulares, definem políticas e tomam decisões, com o objectivo de tornar os Cidadãos portugueses nas suas fontes exclusivas de rendimento, impedindo a distribuição justa e equilibrada da riqueza e, em consequência, o desenvolvimento económico e social do país.

Como oposição a este regime de falsa democracia, e orientado à não-violência, recorreremos às mais diversas formas de combate cívico.

Como **símbolo** foi adoptado o **CRAVO BRANCO**, personificando a continuidade das conquistas da revolução de Abril 1974, substituindo o vermelho por branco, que simboliza pureza reflectida no elevar da moralidade da sociedade portuguesa e do Estado que a representa, que se pretende ver associada a este Movimento.



CONSCIENCIALIZAR, MUDAR e SERVIR!

Documento publicado em 17/07/2012

No dia 25 de Abril de 1974, foi iniciado um caminho, transcrito e aprovado por todo o povo português na Assembleia Constituinte, que se reuniu em sessão plenária a 2 de Abril de 1976, para aprovar e decretar a Constituição da República Portuguesa. A referida define no seu artigo 9º, como primeira tarefa fundamental do Estado "*a) Garantir a independência nacional e criar as condições políticas, económicas, sociais e culturais que a promovam*" e na alínea d) "*Promover o bem-estar e a qualidade de vida do povo e a igualdade real entre os portugueses, bem como a efectivação dos direitos económicos, sociais, culturais e ambientais, mediante a transformação e modernização das estruturas económicas e sociais*".

Da parte dos Cidadãos portugueses, e de acordo com as nossas obrigações perante a Constituição, foram criadas e mantidas todas as condições políticas que permitiram garantir todas as condições económicas necessárias à manutenção do Estado de direito democrático, à soberania e à legalidade.

Porém, a classe política não tem sabido corresponder minimamente àquilo que os Cidadãos Portugueses lhe têm oferecido, muito pelo contrário, tem procurado, de forma insistente, justificar a regressão económica e social do nosso país, através dos mais diversos bodes expiatórios: crise financeira internacional; mercados; as pessoas habituaram-se a viver acima das suas possibilidades; somos pouco produtivos; temos de ser mais poupados; temos de mudar de vida; a Troika, etc..

Assumimos a existência de condições adversas às quais Portugal não ficou imune, todavia, estão longe de consubstanciarem, em si, o âmago das razões que nos levaram ao estado de penúria e perda de soberania em que nos encontramos.

Agora resta à classe política, por uma questão de sobrevivência, atirar areia ao vento para tolher os olhos dos Portugueses, de modo a nunca se assumirem os verdadeiros motivos e se encontrarem os verdadeiros responsáveis que nos conduziram ao estado em que nos encontramos.

Está a tornar-se impossível de esconder, é um dado adquirido para o Povo Português, que o estado em que o País se encontra é devido a uma série de atitudes culposas e irresponsáveis por parte daqueles que nos governaram, por parte daqueles que legislaram em nosso nome e por parte daqueles que assumiram a mais alta magistratura do País. Entenda-se Governo, Assembleia da República e Presidente da República.

O que determinou cairmos no estado desesperado em que Portugal se encontra foi o facto da classe política que partilha, de forma controlada, o poder e a passividade de actuação das restantes forças políticas, representadas no parlamento, terem desenvolvido e centralizado todas as suas actuações, visando interesses obscuros privados e não o bem público, bem como da nação como seria suposto, constitucionalmente, fazerem.

Suportados no conhecimento e na sua partilha, chegamos a uma conclusão: "ACORDEM, fomos e continuamos a ser enganados, roubados e escravizados!". Este é o mote do Movimento Revolução Branca.

É essencial lembrar que não é por mero acaso que, desde o 25 de Abril de 1974, Portugal atingiu por três vezes a situação de "bancarrota".



CONSCIENCIALIZAR, MUDAR e SERVIR!

Documento publicado em 17/07/2012

No passado, o caminho escolhido por quem nos governou, legislou e representou ao mais alto nível, visou o sustento de privados e grupos económicos, para onde, a coberto dos pseudo interesses públicos se canalizaram larguíssimos milhões, para os interesses dos partidos políticos, daqueles que lhes são fiéis e, acrescente-se, dos grupos económicos que os sustentam, que são, na realidade, os "donos dos partidos".

No presente, o caminho escolhido pelos actuais governantes, legisladores e mais alto representante segue o mesmíssimo objectivo.

De facto, aqueles que hoje nos governam e que proclamam, em alta voz, a necessidade de assumirmos um elevado sentido patriótico e de sacrifício, foram os mesmos que, durante estas duas últimas décadas, alternaram entre governo e oposição, desempenharam cargos de relevo, beneficiando das relações sombrias entre os interesses privados e o Estado, viveram do sistema partidário, ou à sombra dele, não se lhes conhecendo nenhuma atitude de revolta, dentro ou fora dos seus partidos, para alterarem a situação e acordarem os restantes milhões de portugueses deste sono profundo.

Sendo certo que aqueles que habitam nos assentos e corredores da Assembleia da República, da sua dita direita à sua dita esquerda, nenhuma confiança nos merecem, pois literalmente vegetam à sombra do sistema criado por eles próprios e que gera espaço para todos ocuparem as suas posições num verdadeiro circo de interesses que não o bem comum e de Portugal.

Tudo agravado com uma postura de passividade por parte do Presidente da República, que se tem revelado incapaz e inepto para ter tomado ou tomar qualquer outra posição que não avisar, avisar, voltar a avisar e dizer quando o mal acontece "eu avisei", sem que tenha tido a coragem de evitar o mesmo, sendo dramático para Portugal o facto de estar convencido que dessa forma cumpriu e cumpre com as suas funções...

Portugal está num caminho que tem de ser urgentemente alterado.

A classe política Portuguesa toma endemicamente, geneticamente, o caminho de conduta permanente de má governação (irresponsabilidade, falta de transparência, coerência, eficácia e eficiência) orientada não para os fins públicos, mas para os mais obscuros interesses que raiam a corrupção.

Porém, nos seus discursos, pedem-nos e louvam-nos a paciência, não para o nosso bem, mas para poderem sobreviver em tão difíceis tempos.

"Até aqui tínhamos a certeza, agora temos a certeza absoluta: Os lobos, neste momento, por uma questão de sobrevivência, estão disfarçados de pastores a adormecer o rebanho!"

Reiteramos que a classe política portuguesa procura manter a todo custo e até às últimas consequências, os interesses dos partidos políticos, daqueles que lhes são fiéis e, acrescente-se, dos grupos económicos que os sustentam, que são, na realidade, os "donos dos partidos".



CONSCIENCIALIZAR, MUDAR e SERVIR!

Documento publicado em 17/07/2012

Esses grupos são sociedades comerciais que não possuem qualquer interesse patriótico, tendo como objectivo único a obtenção do maior lucro no mais curto espaço de tempo, centrando, há décadas e com o beneplácito dos partidos políticos, os seus investimentos em actividades não produtivas, anulando qualquer risco do negócio através da responsabilização do Estado, dos Cidadãos portugueses e das gerações futuras, colocando-nos numa situação permanente de escravatura.

Impõe-se à sociedade portuguesa um conjunto de custos adicionais, através da criação e manutenção de monopólios e cartéis, patrocinam-se parcerias, inicialmente para reduzir custos aos Cidadãos e às empresas, mas, posteriormente, servem para criar rendas, sem risco, que beneficiam interesses obscuros, e que se reflectem nos nossos impostos, para além de obrigarem as empresas a fazer imputar, nos custos dos seus produtos, todos estes encargos e, assim, perderem, constantemente, competitividade no mercado global.

Do mesmo modo, criaram-se os mais diversos organismos no Estado, sem interesse para a melhoria da competitividade do país, muitos deles com missões repetidas, com um único fim de distribuir benesses e funções ou, se se preferir um vernáculo popular, "tachos", deixando-se tal praga em completa rédea livre na administração central (ex. Sector Empresarial do Estado) e local (Ex. Empresas Municipais), onde todos os partidos, sem excepção, daí retiram os seus dividendos...

Contudo, só isso, não chega. A classe política criou, propositadamente, através de uma atitude manipuladora e passiva, desordem no poder judicial com o objectivo de anular os Tribunais, único órgão de soberania com competência para julgar, à luz da Constituição da República Portuguesa, o poder político.

De forma despudorada, publicamente destruiu a estrutura judicial da nossa justiça e de forma sibilina e maquiavélica literalmente aniquilou e soterrou o sistema de justiça Administrativa, os Tribunais Administrativos, os quais pura e simplesmente não funcionam e nem se deseja que tal aconteça, pois são esses tribunais que julgam o Estado e a Administração Pública.

A classe política criou, dolosamente, através de uma atitude manipuladora, a desordem na educação, com o objectivo único de incrementar um baixo nível de formação e educação dos portugueses, de modo a reduzir-lhes o seu empenho cívico, criando uma massa apática e despolitizada.

Hoje possuímos um Estado que vive à custa das pessoas e não ao serviço das pessoas, além de termos uma economia que vive das pessoas e não para as pessoas. Para satisfazer esta ganância sem controlo, transformaram-se os Cidadãos em fontes de rendimento ilimitado, de forma a sustentar interesses não nacionais e, por isso, obscuros.

Ao contrário do que a classe política nos quer fazer crer, o que nos fez chegar a esta situação de miséria, começa e acaba aqui mesmo, em Portugal, é um problema exclusivo do nosso país e somos nós próprios que o temos de resolver.

O Movimento Revolução Branca, com o apoio espontâneo da sociedade civil e suportado na Associação cívica que o dota de personalidade jurídica, possui estrutura organizada para executar os objectivos definidos e, assim, cumprir a missão que nos orienta.



CONSCIENCIALIZAR, MUDAR e SERVIR!

Documento publicado em 17/07/2012

O Movimento Revolução Branca vai introduzir um novo termo na democracia, a que chamamos "combate cívico", para implementar as verdadeiras e necessárias reformas estruturais.

"Como Cidadãos portugueses não temos qualquer dúvida em afirmar que fomos vítimas de um golpe de Estado exercido sobre a República Portuguesa, que nos privou dos direitos e liberdades fundamentais que a revolução de Abril nos restituiu, transformando milhões de Cidadãos livres em escravos."

Se existe, dentro das entidades responsáveis pela governação deste país, incompetência, a incompetência tem de ser substituída e os que permitiram que perdurasse, por desinteresse da causa pública, têm de ser punidos.

Se o que nos fez chegar aqui não foi incompetência, foi, então, corrupção, e os que permitiram, de forma passiva ou activa, que a corrupção perdurasse, têm de ser punidos.

Aos milhões de Cidadãos portugueses que, queiram ou não, estão envolvidos nesta miséria, é altura de demonstrar qual, afinal, é o seu lado: ou estão do lado dos incompetentes e não exigem a sua substituição; ou estão do lado dos corruptos, preferindo continuar a ser enganados, roubados e escravizados; ou estão do lado dos cobardes e fazem de conta que nada lhes diz respeito, preferindo continuar a viver neste estado de escravidão; ou demonstram a si próprios e aos seus filhos que são senhores do seu destino, um destino que contempla, de forma permanente, o respeito pela dignidade do Homem.

Ao Movimento Revolução Branca, através dos seus membros, colaboradores e simpatizantes, caberá desenvolver actividades, devidamente planeadas e coordenadas, de oposição a este regime de falsa democracia, orientando-se sempre pela não-violência, procurando, até ao limite das suas forças, libertar o Estado português e, em consequência, todos os seus Cidadãos, da classe política e daqueles que os sustentam, que nos levaram, em situação final, à escravatura desta e das gerações futuras.

Gostaríamos de agradecer aos membros do conselho consultivo do Movimento todos os seus contributos, aos nossos simpatizantes a forma como têm divulgado a nossa causa, que é a deles, e a todos aqueles que desenvolvem o seu trabalho no Movimento de forma clandestina, com medo de represálias.

Aos que actualmente nos governam e aos outros que nos governaram queremos dizer:

Vocês apoderaram-se do nosso corpo, mas nunca permitiremos que se apoderem do nosso espírito.